



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE FILOSOFIA**

**ANDRÉ JÚLIO WANDERLEY DE MEDEIROS**

**OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA CAPOEIRA**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

ANDRÉ JÚLIO WANDERLEY DE MEDEIROS

**OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA CAPOEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Filosofia.

**Orientador:** Prof. Dr. Valmir Pereira

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488f Medeiros, André Júlio Wanderley de.  
Os fundamentos filosóficos da capoeira [manuscrito] /  
Andre Julio Wanderley de Medeiros. - 2023.  
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Valmir Pereira, Coordenação do  
Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Capoeira. 2. Ancestralidade. 3. Cultura africana. 4.  
Ginga na capoeira. 5. Origem da capoeira. I. Título

21. ed. CDD 796.13

ANDRÉ JÚLIO WANDERLEY DE MEDEIROS


OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA CAPOEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado a/ao Coordenação  
/Departamento do Curso Filosofia da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciado em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Afro-brasileira.

Aprovada em: 29/06/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 VALMIR PEREIRA  
Data: 03/07/2023 10:54:27-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Valmir Pereira (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Maria Claudia Coutinho Henriques*

---

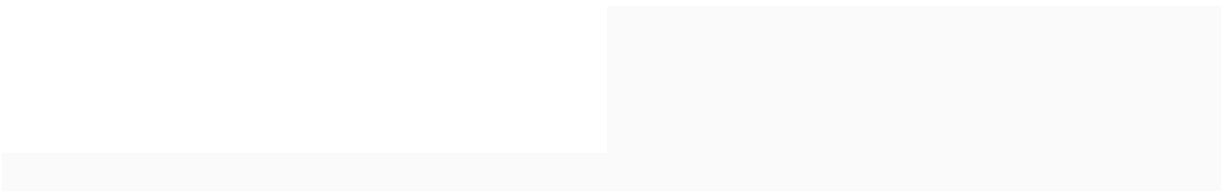
Profa. Ma. Maria Claudia Coutinho Henriques  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*LSilva*

---

Prof. Dr. Luciano da Silva  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Aos meus familiares e amigos que me apoiaram e principalmente a Deus, por ter me mantido firme na jornada, DEDICO.



“A capoeira ultrapassa todos os limites  
que tentam impor a ela. [...] É mais que  
uma filosofia, é a própria vida do  
capoeirista”  
(FREIRE, 1991, p.152).

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRIA DA CAPOEIRA.....</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>CAPOEIRA E SEUS FUNDMAENTOS.....</b>	<b>10</b>
<b>4</b>	<b>CAPOEIRA ANGOLA VS CAPOEIRA REGIONAL.....</b>	<b>13</b>
<b>5</b>	<b>CAPOEIRA COMO RELIGIÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>CAPOEIRA E A RELAÇÃO COM A ANCESTRALIDADE AFRICANA.</b>	<b>19</b>
<b>7</b>	<b>CAPOEIRA COMO PRÁTICA DIDÁTICA NAS ESCOLAS.....</b>	<b>20</b>
<b>8</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>21</b>
<b>9</b>	<b>ESCLARECENDO ESTERIÓTIPOS DA CAPOEIRA.....</b>	<b>22</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	

## OS FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA CAPOEIRA

### THE PHILOSOPHICAL FUNDAMENTALS OF CAPOEIRA

André Júlio Wanderley de Medeiros<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo procura esclarecer de forma geral, alguns fatores da capoeira que foram sendo deturpados ou até esquecidos no tempo, entre eles a sua origem, de como sua história foi sendo modificada pejorativamente ao longo dos anos, devido a “versões” eurocêntricas. Da sua formação e nacionalidade brasileira, indo em contrapartida as ideias de que a capoeira “chegou” ao Brasil, pronta da África. Abordaremos também fatores como a sua passagem e resistência pelo Brasil, das dificuldades e desafios que a capoeira enfrentou, ao tentar estabelecer suas práticas e costumes. Será explicado os elementos que compõe a capoeira, como a diferença da capoeira regional para a angola, como a formação das rodas, dos instrumentos, a hierarquia que mantém a capoeira resistente até os dias de hoje, vestimentas e métodos de identificação dos níveis, formas de tocar para que sejam diferenciados os tipos de músicas existentes na prática. Iremos analisar de forma comparativa as semelhanças e as relações que a capoeira possui com a ancestralidade na perspectiva africana, relacionando as origens e seus fundamentos. Por fim, será esclarecido as semelhanças e diferenças da capoeira, quando comparada as religiões de matriz africana, bem como a ideia de implementação da capoeira nas escolas, visando a função da capoeira nas escolas, como prática, observando o desenvolver principalmente das crianças, no âmbito da moral e da saúde, realizando uma inclusão social das pessoas com deficiência.

**Palavras – chave:** Capoeira. Ancestralidade. Cultura africana. Origem. Ginga.

#### ABSTRACT

This article seeks to clarify, in a general way, some factors of capoeira that have been misrepresented or even forgotten over time, including its origin, how its history has been pejoratively modified over the years, due to Eurocentric “versions”. Brazilian background and nationality, in contrast to the ideas that capoeira “arrived” in Brazil, ready from Africa. We will also address factors such as his passage and resistance in Brazil, the difficulties and challenges that capoeira faced, when trying to establish its practices and customs. The elements that make up capoeira will be explained, such as the difference between capoeira regional and angola, such as the formation of the circles, the instruments, the hierarchy that keeps capoeira resistant until today, clothing and methods of identifying levels, forms of playing so that the types of music existing in practice are differentiated. We will comparatively analyze the similarities and relationships that capoeira has with ancestry in the African perspective, relating the origins and their foundations. Finally, the similarities and

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura em Filosofia pela UEPB.



differences of capoeira, when compared to religions of African origin, as well as the idea of implementing capoeira in schools, aiming at the function of capoeira in schools, as a practice, observing the development mainly of children, in the field of morals and health, carrying out social inclusion of people with disabilities.

**Keywords:** Capoeira. Ancestry. African Culture. Origin. Swing.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando nos deparamos com uma roda de capoeira, seja ela em locais abertos como praças, ou em ambientes fechados, como tatames, percebemos uma enorme vibração sendo emergida daquele local, energia essa que contagia qualquer um que passe por perto, pois, é um ambiente de alegria, de cantos e toques aos quais remetem a festividades e comemorações.

Assim é uma roda de capoeira, alegre, excitante, tanto para quem está de fora apreciando a grande arte que lança um caloroso jogo de corpos, nos quais, mediante a tantos movimentos, independente da sua idade, cor ou etnia, realizam a dança com movimentos incisivos, quanto quem está por dentro da roda, ao qual se deixa levar pela adrenalina que corre em seu corpo no momento, esquecendo de tal modo os problemas e desavenças que a vida nos traz no dia-a-dia, como afirma o discípulo de mestre Bimba, mestre Itapoã:

Enquanto esses mostram somente a luta, a capoeira envolve música. O treino da capoeira é sempre uma grande festa, muito rica, agrega ginástica, música, folclore. Com a capoeira, aprendi história do Brasil que não foi ensinada na escola (BEZERRA, Cícero; TAVARES, Luis, 2016, p.145).

Como qualquer coisa que lhe faça fugir do mundo problemático e sofrido, a capoeira possui um papel fundamental na vida do capoeirista, pois é nela que ele encontra refúgio, para ser quem ele é, para fazer tudo aquilo que sempre quis fazer, e que em parte foi silenciado. Durante toda a trajetória da capoeira, houve grandes embates, a respeito de suas práticas e costumes, vindo a ser muitas vezes discriminada de forma injusta e pejorativa durante séculos.

A capoeira como hoje conhecida, não se compara a capoeira do século XVIII, período em que ela passou por grandes lutas e batalhas, que a “história” tentou de algum modo acobertar as atrocidades e injustiças cometidas, modificando de forma arbitrária e cruel o desenvolver da sua prática.

Mesmo passando por todos esses altos e baixos, a capoeira resistiu e reergueu novamente a bandeira cultural, ética e moral, trazendo à tona de forma mais clara e objetiva, seus ancestrais, que carregaram os costumes e tradições que foram adulterados e esquecidos com o passar dos anos, mas que retornou com toda força para mais uma vez fortalecer essa filosofia de vida e semear para que as novas gerações levem adiante o seu legado e não deixe nunca mais cair no esquecimento. O contato com a capoeira não é acometido apenas pelas características físicas que acometem o esporte, como roupas brancas sinalizadas por cordas (onde o capoeirista costuma identificar seu grau de hierarquia), ou como os instrumentos que acompanham as rodas (berimbau, atabaque, pandeiro, agogô e

etc), mas possui um contato mais íntimo que acomete o espírito, que o faz viver de tal modo que preserve suas origens, o seu legado, sua construção ideológica, que por muitas vezes, acreditam ser ligadas a uma etnia, quando na verdade está ligada a várias etnias. Ser capoeirista é viver na diversidade, respeitando a todos os elementos nela adicionados, para que a capoeira seja o que é hoje, uma filosofia da diáspora.

Assim, nesse estudo, apresentaremos nessa primeira parte os fundamentos da capoeira e sua relação com a filosofia diaspórica. Na sequência, desenvolveremos a história da capoeira e por fim apresentaremos a filosofia presente na capoeira.

## 2. BREVE HISTÓRIA DA CAPOEIRA

A capoeira como muitos pensam, não foi uma arte existente e finalizada, produzida na África que chegou nas Américas, compartilhada com as demais pessoas como uma tradição longínqua, africana, mas uma junção de diversas culturas, rituais e costumes, de diversas partes da África, contendo uma grande população migrada do centro ocidental africano. Essas pessoas ao chegarem no Brasil, foram espalhadas pelo território brasileiro. Entretanto, onde se tem mais relatos históricos a respeito da capoeira, foram Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luiz no Maranhão, assim chamadas de cidades africanas no Brasil, pelo alto volume de concentração de africanos nessas localidades.

Desse modo, podemos afirmar que a capoeira é um patrimônio brasileiro, nascida e criada no Brasil, vinda das entranhas africanas, mas parida em nacionalidade brasileira, como afirma Mestre Bola Sete:

As raízes da capoeira sim vieram da África, principalmente de Angola, oriundas de antigos rituais. Mas, foi aqui no Brasil, inicialmente na Bahia, em solo fértil devido a escravidão e em nome da liberdade que ela foi cultivada e floresceu, mostrando toda a sua beleza. (BOLA SETE, S/D p.27).

Assim como no Brasil existiam diversas etnias indígenas, que com a chegada do branco europeu, todas essas culturas variáveis, foram reduzidas a índios, a capoeira também teve sua reputação, por anos entendida como uma cultura pré-estabelecida na África, como se fizesse parte de uma cultura existente.

Todavia a capoeira é uma junção de culturas, rituais e tradições africanas, que devido à grande diversidade de africanos que foram misturados nos navios negreiros, cada um com suas etnias, foram adicionadas no processo de criação da capoeira que conhecemos atualmente, sendo ela Angola ou regional.

Ao pesquisar mais a fundo a respeito da nomenclatura “capoeira” percebemos que havia algumas interpretações a respeito do surgimento e da denominação que hoje representa uma das artes mais completas existentes. Por isso, atentaremos a duas dessas interpretações. Uma delas é, na visão Regiane Augusto de Mattos, que segundo a autora, a nomenclatura capoeira deriva-se do cesto caapo, palavra de origem tupi-guarani, denominação do cesto pelo qual o capoeirista carregava suas mercadorias, como em parte de sua obra ela afirma:

O termo capoeira, originário do tupi-guarani (“caapo”, buraco de palha ou cesto de palha) e com o acréscimo europeu do termo “eiro” (de quem o carrega), aparece em dicionários do século XVIII e XIX com o significado de um tipo de cesto de palha (MATTOS, 2007, p.184).

Em contrapartida, para o autor Mestre Bola Sete, a origem do nome capoeira deriva também do tupi guarani, sendo que com outro sentido, significando “mato virgem”. Na sua visão, quando a capoeira angola se firmou no Brasil, trouxe consigo os rituais tribais africanos como o “*n-golo*” ou “*engolo*” trazidos de Angola e que receberam o nome de capoeira<sup>2</sup> aqui em solo brasileiro, como assinala Mestre Bola Sete:

A capoeira angola nasceu na Bahia, mais precisamente em Salvador e no Recôncavo Baiano, através da junção de diversos rituais tribais africanos, principalmente o "engolo ou "n'golo da região de Angola e recebeu o nome de capoeira aqui na Bahia, derivado do tupi caá (mato virgem) Puêra (que não existe mais) ou em outra versão coó-puêra, mais tarde, mato de capuera e finalmente por abreviação, CAPOEIRA (BOLA SETE, S/D, p.25)

Em determinada época, em meados dos séculos XVIII e XIX a capoeira não era bem-vista pelo Estado, sofrendo muitas vezes opressão e sendo perseguida pelas autoridades locais. Todavia, sempre se manteve fortemente viva adaptando-se as condições do momento, no que seria a dita resistência da capoeira camuflada<sup>3</sup>, na ilusão hipnótica no qual transformavam a luta em dança. Na época, havia um forte preconceito, construindo uma visão deturpada do que seria a capoeira, invertendo seus valores, demonizando a prática, como afirma a autora Dumoulié, “a primeira forma da capoeira foi taxada de “bárbara”, mas a barbárie era a do mundo branco’ (DUMOULIÉ, 2008, p.17).

A imagem negativa que a capoeira passava era tanta que alguns capoeiristas optavam por não parecer ser um capoeirista, não por vergonha, mas como uma forma de sobrevivência. Todavia, era comum se deparar com capoeiristas com roupas sujas e rasgadas, até devido as condições precárias em que viviam. Apenas no final do século XX os mestres de capoeira da Bahia optaram pelas vestimentas brancas, como pontua Mestre Bola Sete:

[...] o traje branco completo, de linho ou diagonal, passou a ser o preferido pelos mestres de capoeira da Bahia, que desejavam causar uma melhor impressão e mudar a imagem do capoeirista, tido como vagabundo e desordeiro, tornando-se assim uma tradição (BOLA SETE, S/D p.27).

A capoeira surgiu de uma linha tênue entre a escravidão e o grito de liberdade. A roda de capoeira foi um dos pilares que davam força para os escravos africanos não desistirem. Assim, “a roda, esse espaço é então um símbolo da resistência dos negros num mundo de brancos” (DUMOULIÉ, 2008, p.15-16).A escravidão no Brasil foi criando as condições para que a capoeira tomasse forma e surgisse em solo baiano. Pelo fato de os brancos terem misturado diversas etnias africanas na vinda ao Brasil para trabalharem nas lavouras, contribuiu para dar

<sup>2</sup> Segundo Waldeloir Rego, o termo foi registrado pela primeira vez em 1712, embora os escravos tenham vindo para o Brasil nos primórdios da colonização para trabalharem no plantio da cana, do algodão, do café e do fumo (BOLA SETE, mestre, S/D p.25).

<sup>3</sup> Daí a continuidade essencial da luta e da dança fazendo com que um gesto inicialmente destinado a aplicar um golpe transforme-se na graça de um arabesco. Em oposição ao lugar comum de que os lutadores, ao serem surpreendidos pelos capatazes, fingiam dançar, a capoeira é, de saída, uma dança, como as danças guerreiras africanas. É uma síntese de luta e de dança: o gesto de combate já é um gesto de dança e vice-versa (DUMOULIÉ, 2008, p.12).

origem a capoeira, e desde então vem crescendo e traçando seu caminho diante das adversidades<sup>4</sup> da vida.

A capoeira foi-se construindo aos poucos com a ajuda de diversos elementos e que não só na movimentação corporal, mas também na musicalidade. Inclusive, o berimbau, símbolo da capoeira e principal instrumento que rege a orquestra da capoeira, principalmente na formação da roda, em que os jogadores passam a “vadiar” e mostrar suas habilidades, frente a frente ao adversário. Na perspectiva de Camille Dumoulié, o berimbau era o arco de caça do africano, como cita em sua obra *A Capoeira, uma filosofia do corpo*:

O berimbau era o arco do caçador africano que, para passar o tempo, transformava-o em um instrumento à corda e usava a sua boca como uma caixa de ressonância. Mais tarde, mestre Pastinha fixa uma espécie de lâmina na ponta de seu berimbau para transformá-lo em arma (DUMOULIÉ, 2008, p.12).

Desse modo, passaremos a seguir para um tópico relacionado aos fundamentos que a capoeira possui e vamos entender um pouco das suas funcionalidades.

### 3. CAPOEIRA E SEUS FUNDAMENTOS

É mais difícil acertar um alvo parado ou em movimento? A resposta para essa pergunta define uma das principais características da capoeira, a movimentação. A roda de capoeira funciona como um jogo de perguntas e respostas, assim como escuto meu mestre de capoeira exemplificando durante o treino.

No treino, os jogadores pré-dispõem de uma série de sequências as quais alinham e organizam em suas mentes para serem usados no gingado, como se ambas as mentes e corpos estivessem conectados, realizando movimentos em pura simetria atirando-se ao vazio, desfrutando de golpes aos quais nem sempre há intenção de atingir o adversário, mas apenas expressar os movimentos de forma harmoniosa, acreditando que antes da realização da roda, combinassem o que iriam fazer, como afirma Camille Dumoulié:

Dois corpos se correspondem e dialogam mais do que se chocam. São dois corpos negros, não têm nenhuma razão simbólica de combaterem. Exercitam sua potência e, para que permaneça pura, não se tocam. (DUMOULIÉ, 2008, p.16).

Todavia, trata-se apenas de uma “ação e reação” dos corpos, ao estudarem o movimento em uma fração de segundos, induzem seus corpos ao que deve ser feito para responder preparando-se para “pergunta”.

As simulações de fugas e ataques, em pontos cegos, representam o jogo de movimentos que remontam aos antigos escravos, nos quais treinavam essas esquivas e contra-ataques, em uma roda que aparentava apenas ser uma dança comum, de escravos que estão apenas se divertindo, mas que por trás havia todo um mecanismo de defesas e resistências contra a opressão vigente. A ginga possui

---

<sup>4</sup> Marcada por uma trajetória de luta, opressão e resistência, a capoeira atravessa todo processo histórico de construção da etnicidade negra, desde a época das maltas, ou mesmo antes, época em que não encontramos registros sobre sua prática com esse nome (ALMEIDA, 2014, p.35)

uma forte característica do capoeirista, pois é o diferencial que faz com o que, quem a use, seja reconhecido imediatamente como um capoeirista, afirma Campos:

A ginga é considerada o movimento fundamental, porque representa a identidade da Capoeira. A ginga é o que diferencia a capoeira das outras lutas, ela é uma marca pessoal que denota o estilo do capoeirista. A ginga nasce naturalmente do jeito de ser de cada capoeirista e depende do nível de concentração, da consciência corporal, da capacidade de manter o equilíbrio dinâmico do corpo, do repertório motor, da intimidade e do relacionamento rítmico e melódico com o berimbau (CAMPOS, 2009, p.63-64).

A capoeira inicialmente se tratava de uma luta mais angola<sup>5</sup>, cadenciada, próxima ao chão, efetuando movimentos aos quais os corpos parecem estar sendo fundidos e ao mesmo tempo separados como uma cobra que rasteja pelo chão, esperando o momento ideal para dar o “bote”. A capoeira é calcada nas bases das manhas e das malícias, dois de seus atributos essenciais nas conjurações de movimentos.

As tradições da capoeira remetem tanto aos primórdios da constituição do ser humano, em que as movimentações nos lembram os animais, a utilização dos instintos que em muitos ataques atualmente remontam as ações do mundo animal. Ou seja, mediante a uma roda de capoeira, os jogadores dispõem de movimentos aos quais são denominados como, “macaquinho”, “carneirinho”, “rabo de arraia”, “escorpião”, “aranha” entre outros, como afirma Dumoulié:

[...] O essencial está no fato de que a capoeira supõe um verdadeiro devir animal. A designação de numerosos golpes guarda essa marca, como: a coxa da mula, o voo do morcego, o rabo da arraia, o escorpião, o macaco [...] (DUMOULIÉ, 2008, p.4).

A capoeira permanece preservando de todos os modos os fundamentos passados por seus ancestrais, e por mais que a capoeira venha a acrescentar, ou até mesmo modificar determinados movimentos, em sua essência, permanece a mais original possível. É nesse sentido que se pode afirmar que existem mestres de capoeiras que preservam esse estilo de luta, como o próprio mestre Nestor capoeira que possui uma obra intitulada *Pequeno manual do jogador* ([1981]1999) no qual ensinam os primeiros passos sobre a capoeira, e tanto ele quanto outros mestres, chamam essa iniciação de “Os Animais” (DUMOULIÉ, 2008, p.4).

Da mesma forma que para se construir um edifício, se faz necessário uma base, no qual todo o restante do prédio dependa inicialmente dessa estrutura para se manter de pé, a capoeira também possui sua “base” necessária para desencadear todas as suas estruturas. E essa base se chama ginga. Mediante a ginga, que é o movimento básico do capoeirista, detém um leque de movimentações que complementam, isto é, a partir da ginga, o capoeirista implementa todo o restante da “construção”, como afirma Cícero e Luiz:

[...] Prática que exige atenção contínua. O olhar o outro implica em ver-se continuamente. Um vacilo pode ser a porta para um ataque que, enquanto

---

<sup>5</sup> A filosofia da capoeira angola se fundamenta na malandragem (jogo de cintura), na malícia (sabedoria/esperteza) e na mandinga (conhecimento do invisível) e se expressa no comportamento do capoeirista, dentro e fora das rodas de capoeira. (BOLA SETE, Mestre, S/D, p.27)

tal, mata, mas também dá a oportunidade, na ginga, à beleza do desvio, à ação pela negativa (BEZERRA; TAVARES, 2016, p.138)

A ginga possui suas propriedades culturais e é de grande ajuda durante a roda de capoeira, pois, como uma rede que vai e vem em um movimento contínuo de simetria, ou como um balanço do barco em alto mar, a ginga confunde o adversário, permitindo um ataque surpresa, como afirma (DUMOULIÉ, 2008, p.9) “eis o propósito do movimento hipnótico da ginga, semelhante ao da cobra, pelas velocidades em redemoinhos do corpo”.

A partir do momento em que o indivíduo se reconhece como capoeirista, implica dizer que daquele momento em diante, está declarando viver a capoeira na sua essência, que não a vê simplesmente como uma luta marcial, mas como uma filosofia de vida. Viver a capoeira, isto é, aderir a todas as ideias, características, costumes, rituais, tradições, religiosidades. Assim, a capoeira passa a ser um guia espiritual, orientando o jogador nas suas condutas, suas escolhas, tornando-o capoeirista e a capoeira um só.

Nessa perspectiva, devemos de todo modo, olhar a capoeira com outros olhos, entender que toda sua jornada, sacrifícios e dedicações dos ancestrais foram depositadas e confiadas aos capoeiristas posteriores, mantendo viva a tradição. Entretanto, para mantê-la viva, não basta apenas praticá-la, mas vivê-la, como ressalta o Mestre Bola Sete em uma passagem da sua obra a respeito de uma das quatro partes da capoeira angola:

[...] o capoeirista deixa de fazer capoeira para viver a capoeira. Percebe que tem de ser equilibrado. Todos os seus movimentos e atitudes agora devem ser dirigidos pela calma, para saber agir nos momentos decisivos. Aprende a comportar-se no "mundo de fora", no cotidiano da vida, da mesma forma que se comporta no "mundo de dentro", a roda de capoeira. (BOLA SETE, S/D p.31)

A partir do momento em que o indivíduo se reconhece como capoeirista e deseja daquele momento em diante incorporar na sua vida a prática da capoeira, deve-se atentar a diversos fatores que estão intrinsecamente contidos nela. Um desses fatores fundamentais são as religiosidades e crenças, a “mandinga” como afirma mestre Bola Sete, em sua quarta parte<sup>6</sup> da capoeira angola. Desse modo, de nada adianta reconhecer-se como capoeirista, se condena um terreiro de macumba, se ignora as crenças em orixás, se abomina a prática de oferendas e costumes trazidos da África. Nas palavras de Eduardo Okuraha Arruda:

A cabeça no chão na Capoeira Angola representa a reverência aos na tepassados e conexão com o plano espiritual, assim como nas tradições da

---

<sup>6</sup> A quarta é mística, metafísica, escondida no eu de cada um, depende do tempo para compreendê-la exigindo muita força de vontade e sensibilidade para alcançá-la. É o nosso eu verdadeiro, baseado na mandinga, e se expressa através dos preceitos e rituais da capoeira angola. É o desenvolvimento da espiritualidade, o conhecimento do mundo invisível. Geralmente o capoeirista acredita no seu santo protetor, no seu mentor espiritual, ou no seu Orixá, a quem pede proteção no pé do berimbau, enquanto ouve a ladainha antes do início do jogo, conhece orações poderosas para fechar o corpo, possui os seus amuletos para aumentar à sua fé e protegê-lo nas horas de perigo. Tudo isso pode levar o capoeirista ao encontro de uma realidade extrafísica, adquirindo a energia e a força espiritual necessária para enfrentar o inimigo e defender-se com astúcia, usando todos os recursos da ginga, principalmente o floreio, para enganar o camarada nas rodas de capoeira (BOLA SETE, S/D p.31-32).

Umbanda e do Candomblé; O sinal da cruz antes do jogo expressa um pedido de proteção, corpo-fechado contra as mandingas do outro capoeira (ARRUDA, 2016, p.76).

Um dos momentos mais significativos que a capoeira pode proporcionar, é o batizado. Esse acontecimento consiste na introdução do indivíduo na capoeira. É o reconhecimento do mestre para com seu aluno, o denominando capoeirista daquele momento em diante. É nesse momento que o jogador passa tanto a fazer parte do universo capoeirístico como a ser reconhecido pelos demais como um igual.

Junto a esse batizado, vem o nome de identificação, que é uma tradição na capoeira, denominar alguém, seja pelo local de origem, seja por alguma característica própria, e a partir desse momento, ele carrega o nome de capoeirista pelo resto da vida, como nas palavras do Mestre Itapuan:

[...] em colocar em cada calouro um apelido pelo qual ele seria, agora, reconhecido dentro da academia e nos meios capoeirísticos. Este apelido era o seu nome de “guerra”: o tipo físico, o bairro onde morava, a profissão, o modo de se vestir, atitudes, um dom artístico qualquer, servia de subsídio para o apelido (ALMEIDA, 2002, p. 63 apud BEZERRA; TAVARES, 2016, p.144).

O batizado é de suma importância para vida do capoeirista, todavia, o que se torna de fato importa é conhecer as modalidades da capoeira no qual o capoeirista irá praticar desse momento em diante, e para isso, precisa saber o embate que houve entre as duas modalidades, sendo elas a angola e a regional, como veremos no próximo tópico.

#### **4. CAPOEIRA ANGOLA VERSUS CAPOEIRA REGIONAL**

##### **Capoeira Angola**

A princípio, não existia essa diferença de nomenclatura, de “capoeira angola e capoeira regional”, pois, a capoeira era uma só e continua a ser nos dias de hoje. Entretanto, a forma em que a capoeira era jogada foi sendo modificada ao longo do tempo, novos movimentos foram sendo inseridos, tornando a capoeira ainda mais completa e rica, quando o assunto era movimentações e golpes.

Há quem diga que a palavra angola, foi adicionada ao nome capoeira (capoeira angola) para que ela fosse diferenciada da capoeira regional, mas nas palavras do Mestre Bola Sete, essa afirmativa não procede, pois se trata mais de alguns fatores, tais como o fato da capoeira que nasceu na Bahia, ter sido influenciada pelo *engolo*, rituais tribais africanos de Angola, devido ao fato de que a maior parte dos escravos trazidos para o Brasil vieram de Angola. No mesmo sentido desses fatos, somam-se as cantigas de capoeiras envolvendo muito o termo “angoleiro” ou “Angola”, toques de berimbau que se chamam “São bento de angola” e pelo fato de independente da região de onde viessem os africanos, eram denominados de os negros de Angola. Nas palavras do Mestre Bola Sete:

Portanto, o argumento de que a capoeira só recebeu o acréscimo da palavra Angola” depois do advento da capoeira regional do Mestre Bimba não procede, embora ela tenha passado a ser citada com mais frequência

para diferenciá-la do novo estilo, o que não era necessário antes, por existir apenas uma modalidade de capoeira [...] (BOLA SETE, S/D p.26).

A capoeira angola está dividida em quatro partes, sendo a primeira o jogo propriamente dito, o embasamento na roda de capoeira. A segunda parte se trata da musicalidade no qual a capoeira emite, as sonoridades dos instrumentos. A terceira é mais filosófica e diz respeito a conduta de vida do capoeirista, no qual ele passa a viver a capoeira. A quarta é mística, rodeada de crenças e rezas, na qual o capoeirista pede proteção a suas divindades para fecharem seu corpo, é mais metafísica, calcada em rituais e espiritualidades africanas.

Para se jogar a capoeira angola, precisa inicialmente, entender seus fundamentos, para que durante a roda, não caia na “emboscada”. Podemos tomar como exemplo a chamada de angola, na qual acreditam que seja o momento de “relaxar”, quando na verdade é um dos momentos mais perigosos da roda, podendo ocorrer um “bote” inesperado, e por isso, o capoeirista que for induzido a chamada de angola, precisa redobrar a atenção, para não ser pego na armadilha. A chamada tanto pode ser feita de frente, quanto de costas ao oponente.

O patrono da capoeira angola foi Vicente Ferreira Pastinha, mais conhecido como Mestre Pastinha, responsável por manter a tradição da capoeira angola viva, passando para as próximas gerações perpetuarem seus ensinamentos. Como exemplo dessa imortalidade, temos Mestre Bola Sete, que foi seu discípulo e autor da obra *Livro de capoeira angola, uma filosofia de vida*, no qual estabelece os requisitos para tornar-se um capoeirista angoleiro tradicional, afirmando que:

Jogar, tocar, cantar, ensinar e preparar alunos, com dedicação e espírito fraterno, adquirindo a experiência, o conhecimento e a maturidade necessária. Estes são os requisitos básicos para a formação do angoleiro tradicional, onde o tempo é determinante para que ele possa exercer o cargo de mestre (BOLA SETE, S/D p.34-35).

Mestre Pastinha é muito respeitado na capoeira, tido como o guardião da capoeira angola, por Hélio Campos (2009, p 40). Mestre Pastinha nasceu no dia 05 de abril de 1889, na cidade do Salvador e morreu em 13 de novembro de 1981. Pastinha tinha um amor incondicional pela capoeira angola, e a via como fundamental na vida pessoal. Isso implica em afirmar que a capoeira angola deveria ser aprendida, não por valentia, mas por defesa pessoal.

Há relatos de que a capoeira angola seria uma extensão do ritual africano *n'golo*, que se trata da passagem da adolescência para vida adulta, onde jovens africanos disputam entre si, e o vencedor dessa luta pode escolher a mão de uma das moças que estejam ingressando na vida adulta. Para mestre Pastinha, um bom capoeirista é aquele que engana o adversário, que o confunde com seus movimentos desordenados de salto e movimentos surpresas, fazendo-o acreditar que está se descuidando, quando na verdade armou uma emboscada para pegá-lo. Como afirma CAMPOS:

O capoeirista não tem pressa, observa o adversário, usa a visão periférica, sente o melhor momento para entrar e aplicar um golpe ou mesmo um contragolpe; prevê a saída, ginga sempre e está em constante movimento para aproveitar tudo o que o ambiente possa lhe proporcionar (CAMPOS, 2009, p.42)



A capoeira angola, não detém de tantos golpes quanto a capoeira regional, mas o fato de não possuir tantos ataques ou defesas, não a faz menos perigosa do que a regional, pois um capoeirista angoleiro possui igualmente os três pilares da malícia capoeirística, que nas palavras de Camille, sinalizam que “a alegria, a leveza, a habilidade em fingir, essas são as três manifestações da malícia” (DUMOULIÉ, 2008, p.14).

Com a chegada da capoeira regional, a capoeira angola foi caindo no esquecimento, pois a capoeira regional estava tomando uma proporção na qual estava sendo difundida de forma colossal. Todavia, houve alunos<sup>7</sup> de mestre Pastinha que não permitiram que caísse no esquecimento, como o mestre Moraes, que fundou uma escola de capoeira no Rio de Janeiro com o intuito de levar para frente os ensinamentos de Pastinha, como afirma Ludmilla:

[...] Mestre Moraes, foi o precursor de uma linhagem de Capoeira Angola inserida na cidade do Rio de Janeiro, na década de 1970, a partir da formação do seu grupo GCAP – Grupo de Capoeira Angola Pelourinho. Oriundo da escola de Mestre Pastinha e seus discípulos [...] (ALMEIDA, 2014, p.78).

Compreendemos um pouco da trajetória e do desenvolvimento da capoeira angola, da sua origem até a sua formação atual. Dos processos que precisou passar para suportar todo o fardo da sua existência. Veremos um pouco do que foi a capoeira Regional.

## Capoeira Regional

Visto como um herói e respeitado por todos os capoeiristas, ultrapassando todas as gerações, Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba, nascido em 23 de novembro de 1899, Salvador, Bahia e falecendo em 5 de fevereiro de 1974, Hospital das Clínicas da UFG / EBSEH, Goiânia, Goiás. Patrono da capoeira regional deixou um enorme legado para ser seguido e que é utilizado fortemente atualmente pelos capoeiristas.

Sua aprendizagem<sup>8</sup> de capoeira foi marcada por um africano, chamado Nozinho Bento, ou Bentinho, o qual teve seu contato inicial com a capoeira. Mestre Bimba por achar que a capoeira perdeu sua essência de luta, de arte marcial no qual envolve golpes fatais de combate, funda o que hoje chamamos de capoeira regional<sup>9</sup>, no qual procura focar em uma capoeira mais corpo a corpo, executando golpes desequilibrantes ou até mesmo traumatizantes, como afirma Helio Campos:

---

<sup>7</sup> Moraes foi também um dos 79 grandes responsáveis pela retomada da Capoeira Angola em Salvador, entre as décadas de 80 e 90 - período em que a Capoeira Angola estava “quase esquecida” frente à grande dimensão, nacional e mundial, alcançada pela Capoeira Regional, além do agravante da morte de Mestre Pastinha, que ocorria em 13 de novembro de 1981(ALMEIDA, 2014, p.78-79).

<sup>8</sup>Seu mestre foi o africano Nozinho Bento, o Bentinho, Capitão da Companhia de Navegação Baiana, do qual Bimba falava com admiração, reportando-se à extraordinária habilidade no capoeirar e salientando a espantosa capacidade de executar o salto mortal na boca de um caixote de cebola (CAMPOS,2009, p. 116).

<sup>9</sup> Praticamente, a Capoeira Regional é identificada pelos golpes bem definidos, pernas esticadas, movimentos amplos, posição ereta, jogo alto, duro, rápido e objetivo. Sua ginga denota energia, força,

Os golpes da capoeira regional têm classificação e nomenclatura próprias e estão divididos em movimentos fundamentais, básicos, traumatizantes, desequilibrantes, de projeção e ligados. Os movimentos traumatizantes, bem conhecidos e praticados no meio capoeirístico, como “golpes traumatizantes”, preconizam a pancada, ou seja, têm como finalidade atingir o adversário provocando traumatismo. Os movimentos desequilibrantes são também conhecidos como “golpes desequilibrantes”, que têm como finalidade desequilibrar e tirar do eixo, diminuindo a base de sustentação do corpo e, conseqüentemente, derrubando o oponente. (CAMPOS, 2009, p.63-65-66)

A capoeira regional teve um grande destaque na era Vargas (1930-1945), pois foi nesse período que a capoeira iniciou o processo de desmarginalização, depois que o presidente Getúlio Vargas afirmou que a capoeira era um esporte “genuinamente nacional”. Claro, tal afirmação de que a capoeira era uma arte marcial do Brasil acabou acarretando a divisão de opiniões de alguns capoeiristas, principalmente os mestres da capoeira angola, pois eles afirmaram que a capoeira é ancestral africana.

Mestre bimba foi a pessoa que conseguiu prever que a capoeira iria perder a uma de suas essências, pois na sua visão, a principal dentre elas, que é a luta marcial. Mestre bimba foi antes de tudo, um jogador de capoeira angola, e desse modo, sua observação não é meramente visual. Bimba sentiu na pele que a capoeira precisava recuperar sua característica primordial, a qual acompanhou sua fundação, que é a luta. Ainda na sua época, em meados da década de 1920, Bimba percebeu que a capoeira angola estava deixando de lado, um de seus fundamentos, o que não pode ser aceito, pois a capoeira é a junção de diversas áreas, englobando tudo que há entre sua essência espiritual e carnal. Assim, segundo Ludmilla:

Com a justificativa de que a capoeira – também conhecida por: capoeiragem, brincadeira de capoeira, brincadeira de angola, vadiação – era insuficiente, frente a toda uma cultura esportiva que começava a se difundir na Bahia, mestre Bimba cria uma luta que incorporava à capoeira golpes de batuque, jiu-jitsu, judô, luta greco-romana e savata [...] (ALMEIDA, 2014, p.26).

Atualmente ainda existe esse estereótipo, de que capoeira é apenas um jogo, uma dança ou até quem diga que é uma brincadeira. Esse tipo de situação coloca em risco um dos pilares fundamentais da capoeira e tira todo esforço e sacrifícios dos nossos antepassados na criação dessa luta. É necessário entender que a capoeira foi criada em um ambiente de escravidão, de resistência, então tal afirmação se torna absurda e desrespeitosa com a capoeira. A esse respeito, afirma Ludmilla:

Marcada por uma trajetória de luta, opressão e resistência, a capoeira atravessa todo processo histórico de construção da etnicidade negra, desde a época das maltas, ou mesmo antes, época em que não encontramos registros sobre sua prática com esse nome (ALMEIDA, 2014, p.35)

---

elasticidade e cria as condições para uma expressão corporal única, um estilo pessoal que dignifica o capoeirista e denota a sua personalidade (CAMPOS, 2009, p.69).

Mestre bimba evitou que caísse no esquecimento a luta dos escravos para conquistar a liberdade. A capoeira originalmente era a arma que o escravo negro e pobre possuía para sobreviver no mundo racista e opressor, como diz (BRASIL, 2007, p.6). “A capoeira Regional ilustra a reivindicação e a luta direta dos negros na sociedade moderna”.

O que difere a capoeira regional da capoeira angola, é em grande parte o princípio de valorização de sua origem, pois enquanto a capoeira angola visa valorizar a presença africana contida na prática da angola, a regional por ser um “entrecruzamento esportivo” durante um período em que se concretizava a sua criação, acabou sendo considerada como genuinamente brasileira.

A capoeira regional não foi bem-vista, ou até mesmo aceita pelos antigos capoeiristas angoleiros, pois para eles a capoeira regional se tornou genuinamente brasileira pelo fato de tentar ofuscar suas origens africanas e introduzir outras culturas, “enbranquecendo” e tornando mestiço a sua prática em um novo Estado que buscava uma identidade nacional, que acabou negligenciando a importância histórica africana no contexto da capoeira.

## 5.CAPOEIRA COMO RELIGIÃO

Erroneamente, costumam associar a capoeira às tradições do candomblé<sup>10</sup>, de costumes e rituais provindas das religiões ou religiosidades africanas. Entretanto, poucos sabem que a capoeira e o candomblé são distintas uma da outra, compartilhando apenas suas ancestralidades vindas da África e alguns elementos utilizados nas duas práticas. É compreensível que haja essa ligação entre as duas práticas, até porque existem elementos que ambas compartilham. A exemplo disso podemos citar as vestimentas brancas, o batuque, o caxixi<sup>11</sup>, e principalmente, a estrutura e organização musical e dos instrumentos, como o berimbau e o atabaque que ambas têm em comum. Assim,

Esses berimbaus guardam aspectos que os relacionam diretamente ao candomblé, como também a outras tradições de origem africana, principalmente no que se refere aos três atabaques dessa religião afro-brasileira, assemelhando-se à organização e estruturação rítmica do candomblé. Um paralelo relacionando a musicalidade dessas duas manifestações culturais, a capoeira e o candomblé, mostrará células rítmicas muito semelhantes (BRASIL, 2007, p.83).

Como reutilização de elementos sendo introduzidos em uma cultura, temos o atabaque, “o atabaque é um instrumento sagrado do Candomblé, é às vezes utilizado em rodas de capoeira Angola e shows em teatros” (TAVARES, 2016, p.58). Vale ressaltar que a forma que ambas foram fundadas também utilizaram dos mesmos elementos, sendo ambas as filosofias da diáspora. Tiveram em sua origem, realidades semelhantes, sendo originadas no Brasil, mais precisamente na Bahia, no auge da escravidão, em que foram forjadas a partir de diversas culturas e tradições africanas perpetuando seus fundamentos até os dias atuais.

<sup>10</sup> O candomblé era uma manifestação religiosa dos negros iorubás na Bahia (CAMPOS, 2009, p 70).

<sup>11</sup> Caxixi é um pequeno cesto de palha com uma base circular feita de cabaça cortada. No interior do caxixi há sementes ou pedras que lhe configura um som característico. Sua origem é desconhecida e quase sempre é tocado acompanhado do berimbau (TAVARES, 2018, p.58).

A musicalidade também é um fator em comum nas duas culturas, pois tanto o candomblé quanto a capoeira realizam seus rituais e as práticas a em partir do acompanhamento musical. Uma roda de capoeira não é feita em silêncio, inclusive, a vadiação só pode ser iniciada após todos os instrumentos presentes na bateria da capoeira terem sido tocados. O candomblé era a religião que mais se aproximava das etnias africanas, e desse modo, os capoeiristas, por serem em determinado momento, uma arte exclusivamente praticada por escravos africanos, acabaram aderindo a ela como religião, juntamente com as doutrinas católicas e indígenas, e a junção de ambas denominaram a religião da capoeira<sup>12</sup>.

As religiões que acompanharam a época da escravidão, foram fortemente atacadas e sofreram um processo de branqueamento na cultura afro-brasileira, como afirma Almeida em um escrito de Treinel Stéph:

O pior é branquear a cultura, tirar os rituais ou denegrir os rituais, ou dizer que o que é de negro, ou de africano é ruim. A gente viu muito bem o que a igreja fez com a religião africana (...). A gente sabe muito bem que tinha não só uma colonização, mas uma exterminação da cultura. Esse exemplo da religião, tentar demonizar uma prática (ALMEIDA, 2014, p.112).

A crença dos capoeiristas não foram limitadas apenas a entidades africanas. Existiu um santo católico que surgiu antes mesmo da capoeira, e que acompanha a sua trajetória até os dias atuais, inclusive, existem toques de capoeira em sua homenagem, sendo eles São Bento pequeno de Angola, São Bento Grande de Angola e São Bento Grande da regional. A roda de capoeira fazia parte de festas religiosas, como podemos conferir na citação abaixo:

As rodas também faziam parte das festas religiosas de largo, porque os capoeiristas, em sua maioria, frequentavam candomblés e igrejas, eram devotos de santos e orixás. Esta relação estreita pode ser uma das explicações para o oferecimento de comida durante as rodas de capoeira festivas, aquelas que comemoram determinada data ou evento (BRASIL, 2007, p.68).

Os escravos antigamente eram obrigados a ser catequizados pela igreja católica, mas eles tinham suas religiões, então rezavam para seus santos escondidos sem que os superiores percebessem. Com tanta opressão em cima deles, se identificaram mais com São Bento, por ser picada de cobra, traição, representando a falsidade. Vem acompanhando a escravidão e a capoeira, e foram feitos toques de berimbau em homenagem a ele, como São Bento grande de Angola São Bento pequeno e São Bento grande da regional. São Bento morreu em 21 de março de 547 d.C. antes da capoeira surgir<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup>A roda de capoeira tem, sobretudo um “caráter ritualístico”, a instrumentação quase religiosa dos berimbaus, atabaque e pandeiros, suas cantigas de louvações e toda hierarquia que vai de aprendizes a mestres configura-a sem dúvida como uma das manifestações socioculturais religiosas (TAVARES, 2018,p.83).

<sup>13</sup> O mais antigo registro referente à capoeira foi encontrado pelo jornalista Nireu Cavalcanti. O documento data de 1789 e se refere à libertação de um escravo chamado Adão, preso nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem, o que mostra que a repressão acontecia antes mesmo da criminalização da capoeira, em 1890, durante o governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca (BRASIL, 2007, p.14).

## 6. A RELAÇÃO DA CAPOEIRA COM A ANCESTRALIDADE AFRICANA

Como vimos ao decorrer deste texto, a capoeira vem em busca genuína da sua liberdade de fala e de seu lugar por direito no mundo, característica essa que advém da ancestralidade africana que não se reduz apenas a sua matriz cultural, mas para além dos laços “sanguíneos ou grau de parentescos” (OLIVEIRA, 2012, p.30).

A ancestralidade está interligada com a capoeira no Brasil, por ser uma alteridade, que mantém essa relação entre as experiências adquiridas em território brasileiro e as que vieram da África. Essa conexão é fundamentada na ética, que possui como característica a inclusão, categoria está vista nos fundamentos da capoeira, o que a torna em sua ontologia, receptadora, como afirma Oliveira:

Inclusão é um espaço difuso onde se aloja a diversidade. Inclusão está ancorada na experiência negro-africana em solo brasileiro, que mantém e atualiza sua forma cultural, seja na capoeira angola, no Candomblé tradicional, na economia solidária das favelas, etc (OLIVEIRA, 2012, p.40).

A capoeira é exatamente a mistura das experiências africanas (matriz), com as experiências afro descendentes. Assim, podemos afirmar que a capoeira, em especial a angola, é fruto da ancestralidade, pois, através das experiências trazidas da África, e as que foram desenvolvidas em solo brasileiro, mais a esperança da liberdade, deram origem ao que conhecemos como capoeira, apontado por Oliveira como um,

Regime abrangente capaz de englobar todas as experiências de africanos e afro descendentes e, ao mesmo tempo, singularizar cada experiência com seu sentido específico, forjado no calor do acontecimento. Aqui, Ancestralidade é, então, mais que um conceito ou categoria do pensamento (OLIVEIRA, 2012, p.39).

Com a origem da capoeira, recriamos a noção africana, relacionando nossos pensamentos capoeirísticos com a ancestralidade. Não se trata de uma nova África, mas de uma extensão, estabelecendo ligações históricas e simbólicas. A capoeira pode ser vista como uma reintrodução da cultura africana em território brasileiro, uma contribuição afrodescendente para o patrimônio imaterial brasileiro.

Uma das características marcantes da capoeira, é a roda. Momento pelo qual todos se tornam iguais, independentemente da cor, raça e etnia. Todos ficam lado a lado e por ser um círculo, não há excluídos. Isso compõe um dos fundamentos filosóficos principais da capoeira, a ética. Assim como na capoeira, a ancestralidade possui seus contornos circulares “uma ética, então, que não rejeita a complexidade do mundo”, como aponta Oliveira:

A ancestralidade é uma forma cultural em si mesma, ética porque o contorno de seu desenho é uma circularidade que não admite o excluído.[...] visto que é o conceito mais integrativo que a cultura africana soube produzir em seu itinerário no universo (OLIVEIRA, 2012. p.43).

A força de vontade que move um capoeirista a seguir em frente, enfrentar qualquer barreira e que foi muito utilizado pelos capoeiras antigos em busca da liberdade, está relacionada diretamente com o encantamento, que é a experiência

da ancestralidade, por isso que é uma ética. A ética está presente na experiência da ancestralidade, onde os fundamentos da capoeira estão calcados. A bagagem filosófica contida na capoeira, desfruta dos encantamentos que a ancestralidade na perspectiva africana possui.

Essa é a filosofia contida nesse elo entre a capoeira e a ancestralidade africana, pois o papel da filosofia é criar mundos, e a ancestralidade é um mundo como qualquer outro, repleto de expectativas e conceitos, elaborando uma ética tão profunda, historicamente falando, que habitam esse mundo dentre tantos outros.

## 7. CAPOEIRA COMO PRÁTICA DIDÁTICA NAS ESCOLAS

A capoeira trás realidades que não são vistas nos livros de histórias, pensamentos e reflexões que a filosofia branca não deixa explicar.

A ideia de ter a arte marcial ensinada nas escolas, é pauta de debate tanto pelos representantes da capoeira, quanto pelos responsáveis pela autorização da sua inclusão no currículo escolar, devido a determinados tabus que precisam ser quebrados. Esses tabus associam a prática da capoeira a pessoas de má índole, vagabundas, afirmam que o esporte tornará os alunos mais violentos, entre outras questões.

A capoeira é totalmente adaptável, para que desse modo, todos sem exceção possam praticá-la. Pastinha filosofava com frases do tipo: “capoeira é para homem, menino e mulher”; “capoeira é tudo que a boca come”(CAMPOS, 2009,p.42). Essas assertivas transcendem os limites impostos pela física. Quando se está em uma roda de capoeira, todos são iguais por estarem de lado. Transcende os limites físicos promovendo a inclusão social até porque, todos somos iguais aos olhos da capoeira.

A prática da capoeira proporciona diversos fatores contribuindo para melhorar a saúde do indivíduo, seja nos alongamentos para manter o corpo flexível, seja no fortalecimento dos músculos e resistência até o trabalho do equilíbrio. Fornece benefícios corpóreos, como a saúde e o bem-estar, pois, na medida que tornamos a prática da capoeira viva no nosso cotidiano, o corpo de forma gradativa passa a exercer um bom funcionamento<sup>14</sup>, como afirma Campos:

Mestre Pastinha valorizava a capoeira em seus mais variados aspectos, afirmando que, dentro dos limites esportivos, a capoeira contribui indubitavelmente para o desenvolvimento físico e da saúde e que qualquer pessoa poderia praticá-la, pois não apresentava risco algum (CAMPOS, 2009, p. 42).

Como capoeirista, confirmo os benefícios que a prática da capoeira trás, na construção do ser ético e moral, pois desde o início da prática da capoeira os mestres ensinam o respeito às hierarquias, as formas que devem se comportar tanto dentro da roda de capoeira, quanto fora dela, mantendo sempre a convicção de que o capoeirista deve carregar por toda a vida sua conduta ética adquirida na capoeira.

---

<sup>14</sup>Pastinha ressaltava, com veemência: praticamente não há limite de idade para entrar numa academia de Capoeira Angola. Bastante elevado é o número de pessoas cuja idade ultrapassa os sessenta anos. São indivíduos que praticam esse esporte desde a juventude, possuindo uma invejável movimentação corporal, agilidade e flexibilidade de articulação que impressionam. (CAMPOS, 2009, p 42).

Como exemplo dessa conduta e do respeito que temos com a hierarquia, mestre Bola Sete afirma:

O aluno não pode realizar a chamada de angola para um mestre; não se deve fazer a chamada de angola, ficando de costas para a bateria; a maneira correta quando se posiciona para jogar é de frente para o gunga e não de lado (BOLA SETE, S/D p.28-29).

A inclusão de aulas teóricas durante as práticas de capoeiras escolares, seria de tamanha importância para o aprendizado, pois haveria a ligação com a ancestralidade africana, gerando um mar de conteúdos nos quais contribuiriam para a educação brasileira.

Ao apresentar a ancestralidade como intervenção na educação brasileira, estaríamos esclarecendo as relações étnico-raciais que houve em território brasileiro, onde houve o contato intercultural entre africanos diaspóricos, europeus e indígenas. Não há como negar que a cultura africana está entrelaçada na cultura latino-americana (OLIVEIRA, 2012, p.29).

## 8. CONCLUSÃO

Concluimos então que atualmente, a roda de capoeira mesmo após todas essas conquistas e comprovações da eficácia que contém em sua prática, ainda é hostilizada pela sociedade. Foram necessárias muitas lutas para termos essa liberdade, ultrapassando as barreiras do preconceito e das perseguições. O que vemos hoje como festas e comemorações na capoeira, já foram motivos de sofrimento e resistência, mas algo que nunca mudou na capoeira, é a forma em que ela acolhe e conforta os capoeiristas.

A capoeira vai além do que um simples esporte, que acalenta tanto a alma quanto o corpo, é a ideologia guiadora do capoeirista, que não se limita apenas a uma etnia, construindo a filosofia da diáspora.

Devido a diversidade de pessoas praticantes, a roda de capoeira torna-se bastante inclusiva, sem restrições de idades, nem “compatibilidades”, quando o assunto é gingar na roda. Notamos que o movimento é um grande aliado do capoeirista, por isso estamos em constante movimento.

Muito além de cultura e tradição, a capoeira já foi instrumento de resistência em um mundo opressor. O capoeirista é reconhecido pela ginga, que é o que diferencia a capoeira dos demais esportes marciais. A partir da ginga é que desencadeia todo o leque de golpes e esquivas. Nossos ancestrais confiaram a capoeira aos sucessores, para não deixar a história apagar nossas batalhas e conquistas.

Entendemos que a capoeira não foi trazida da África, mas criada nas entranhas brasileiras. Porém, com origens africanas. Notamos a divergência na nomenclatura “capoeira”, mas que independente da origem do nome, a capoeira se faz presente em nossas vidas. Aprendemos que a capoeira inicialmente era angola, tendo seu patrono mestre Pastinha. Todavia, com as mudanças e o passar do tempo, mestre Bimba funda a capoeira regional, não com o intuito de competir com a angola, mas de trazer de volta os princípios marciais que estavam sendo esquecidos.

Vemos o quanto a capoeira é completa, dispondo de luta, danças, musicalidade e religiosidade. Conhecemos seus instrumentos regedores da roda.

Por ter surgido em um âmbito de violência e resistência, entendemos que a capoeira pode se tornar tão mortal quanto qualquer outra luta.

Percebemos o quanto a ancestralidade na perspectiva africana está presente na capoeira. Essa relação é notória quando analisamos seus fundamentos e percebemos o quanto são semelhantes. Entendemos que a capoeira é a relação das experiências diaspóricas frente as experiências adquiridas no Brasil. As ligações entre a ancestralidade e a capoeira se dá tanto historicamente, quanto simbólica e filosoficamente.

Pela capoeira, as diferenças são respeitadas, pois para os olhos da capoeira, somos todos iguais, característica essa que advém da ancestralidade. A ancestralidade atuou na capoeira como uma divindade guiadora de seus passos, compartilhou parte de seu conhecimento para além do mar, mantendo esse elo de experiências.

Ressignificando conceitos e criando mundos, onde não é necessário excluir o outro, estabelecendo sua filosofia da ética. Desse modo, seguiu revolucionando conceitos e nos ensinando a visualizar o mundo por outra ótica.

Foi assim que discernimos a respeito da capoeira e das religiões, que muitas vezes a capoeira é associada a religiões de matriz africana, o que entendemos no decorrer do texto que não é uma regra. Compartilham da mesma ancestralidade e da semelhança em alguns costumes, mas que uma não é uma ramificação da outra. Elas tratam de duas tradições distintas, mas que andam juntas.

Notamos também a importância que a capoeira trás, como o ensinamento nas escolas. É nesse espaço educacional que ela ajudana construção do ser humano na esfera moral e ética, além dos benefícios que a capoeira traz ao corpo, onde muitas vezes a capoeira tem a capacidade de mudar as pessoas, agregando valores transformando a vida dos estudantes daquele espaço escolar, preparando-os para a vida.

## 9. ESCLARECENDO ESTERÍOTIPOS DA CAPOEIRA

**A capoeira é apenas um jogo ou brincadeira?** Falso. Devemos ter em mente que a capoeira foi criada em um âmbito de violência e escravidão. Era a arma que os escravos tinham para sobrevivência.

**Todo capoeirista é da “macumbeiro”?** Falso. Associar a capoeira ao candomblé ou à umbanda é errado. Havia de fatos “macumbeiros” na capoeira e eram em grande maioria, mas não se torna uma “regra” e qualquer pessoa, independente da sua religiosidade é bem-vinda.

**A sequência de cores das cordas é difundida?** Falso. Devido a falta de comunicação dos diversos grupos de capoeira, cada grupo em sua criação definiu a ordem das cores, sendo assim, cada grupo de capoeira tem sua sequência.

**Existe apenas um toque de berimbau?** Falso. Por mais que o berimbau seja feito apenas com uma corda, existem diversos ritmos dentro da musicalidade da capoeira. A exemplo disso tempos, São Bento grande de Angola, São Bento grande da regional, Angola, Cavalaria, Jogo de dentro, miudinho entre outros.



**Para ser capoeirista precisa ser ginasta?** Falso. A capoeira proporciona ao praticante adaptações aos quais faz com o que o indivíduo possa praticar a capoeira ao seu modo, respeitando seus limites e agregando movimentações.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ludmilla de Lima. **Identidades na Roda: diálogos com a Capoeira Angola e com as narrativas de suas/seus praticantes**. Rio de Janeiro, 2014. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ARRUDA, Eduardo Okuhara, **A capoeira como ato poético e filosófico: partindo da perspectiva de Josef Pieper**, CEMOROC-Feusp / IJI-Univ. do Porto, jan-abr 2016.

BRASIL. **DOSSIÊ**: Inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil - Brasília, 2007, 12p.

BEZERRA, Cícero. TAVARES, Luis, **Capoeira: Devir homem, devir animal**, Prometeus filosofia, Cátedra Unesco Achaí Viva Voz, v.9, n.20, p.(135-149), julho-dezembro, 2016.

BOLA SETE, Mestre, **Capoeira Angola, uma filosofia de vida**, S/D.

CAMPOS, Hellio **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**, Salvador, Edufba, 2009.

DUMOULIÉ, Camille. A capoeira, uma filosofia do corpo. **IARA Revista de Moda, Cultura e Arte**. São Paulo, v.1, n. 2, p.1 – 22, dezembro, 2008.

FREIRE, R. **Soma: uma terapia anarquista**. Vol 2. Editora Guanabara Koogan S/A. Rio de Janeiro, 1991.

MATTOS, Regiane, **História e cultura afro-brasileira**, São Paulo: Contexto, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David, **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: Educação e cultura afro-brasileira**. Revista sul-americana de filosofia e educação – RESAFE, número 18, maio-outubro 2012.

TAVARES, Luiz Carlos Vieira. **O corpo que ginga, jogo e luta [recurso eletrônico]: a corporeidade na capoeira** / Luiz Carlos Vieira Tavares (Mestre Lucas) – Aracaju: IFS, 2018. 120 p. : il.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus, pela força e sabedoria e por ter me guiado durante toda a elaboração do curso.

Agradecer a todos da minha família pelo apoio e sustento por toda a jornada de trabalhos e atividades.

A meus amigos da capoeira em especial ao meu mestre e sua esposa, por ter me ajudado nas leituras, aprendizados e experiências adquiridas na capoeira.

A toda turma que integram o curso de filosofia da UEPB, docentes e administrativos.

Agradecer ao meu orientador, Professor Dr. Valmir Pereira, pelas dicas, leituras, acompanhamentos, paciência e dedicação, durante todo processo de TCC, pelo respeito e seriedade que tratou meu trabalho e me conduziu, meu mais profundo agradecimento e reverência.